

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte A Crítica

Class.: 269

Data 04/07/84

Pg.: 03

Dinheiro causa briga entre líderes índios



Amâncio explicando o impasse na presença dos caciques

Conforme foi divulgado por "A Crítica", um dia antes da coletiva que esclareceria a invasão do principal posto da Funai na região do Alalaú, pelos Waimiri-Atroari, a causa principal do problema foi a divisão das indenizações pagas pela Paranapanema e Eletronorte, que ocupam a área. Perante à imprensa, na manhã de ontem, os líderes indígenas prestavam esclarecimentos sobre a revolta e a invasão.

Além dos líderes Atroari, Mário e Viana, e Waimiri, Antonio Tauca, participaram ainda da coletiva, Alvaro Tukano, Edgar Rodrigues, presidente da Federação Indígena do Alto Rio Negro, Pedro Machado, administrador da Funai em São Gabriel da Cachoeira e Carlos Eugênio Machado, líder da comunidade de Pari Cachoeira. O superintendente regional da Funai, Sebastião Amâncio, esclarecendo que a presença dos líderes era para garantir e confirmar a paz existente entre os índios e o órgão, afirmou que tudo não havia passado de um simples desentendimento entre lideranças do Waimiri, que habitam o sul daquela região, e os Atroari, que ocupam o norte.

Segundo Amâncio, os Waimiri acreditavam que os Atroari contavam com um apoio maior da Funai, uma vez que as indenizações, que são de direito de toda a comunidade, estavam sendo repassadas em menor escala para eles e, ainda, Antonio Tauca, cacique Waimiri, não achava justo que a liderança estivesse por conta dos Atroari Mário e Viana. O problema foi encaminhado ao posto da Funai onde

cobrou-se um esclarecimento do superintendente do órgão.

Depois de muita discussão, Antonio Tauca concordou que a liderança continuasse com os Atroari e a questão da indenização não passou de um mau entendido, uma vez que a mesma estava sendo repassada igualmente para as duas comunidades. Tais esclarecimentos foram confirmados pelo líderes, que fizeram questão de garantir que os Waimiri-Atroari sempre estiveram em paz com a Funai e tudo não passou de um problema interno.

Após os esclarecimentos sobre o incidente as lideranças fizeram questão de abordar um outro assunto: a ação das mineradoras em terras indígenas. Segundo eles, está sendo apregoadado pelos brancos (imprensa e missionários), que a comunidade indígena está sendo prejudicada pelas mineradoras. "Na verdade, estas empresas estão colaborando para o desenvolvimento que estamos querendo", afirma o Atroari Antonio Tauca, contando com o apoio dos demais líderes que garantiam que chegou a hora do índio deixar de ser minoria e passar a ser respeitado e ter os mesmos direitos dos brancos, como escolas, hospitais. "Para muitos, nós devemos passar a nossa vida toda usando tanga", salienta Alvaro Tukano.

Para os líderes que participaram desta coletiva, a única forma de desenvolvimento é o que está acontecendo através das mineradoras. Carlos Eugênio Machado, de Pari Cachoeira, afirma que eles não precisam dos missionários, querendo ensi-

nar "o índio a viver como índio", quando o que querem é progredir e levar uma vida tal qual o branco leva. "Só conseguiremos isto através das empresas; a Paranapanema, por exemplo, nos dá transporte, nos indeniza pelo uso de nossa terra e nos ajuda nos contatos com o governo". Alvaro Tukano disse que o apoio que eles necessitam, a Funai não pode dar, por não contar com recursos, e, neste sentido, as mineradoras são a solução. "Nós queremos ser tratados como seres humanos, chega de missionários querendo ditar vida de índio", alerta.

Contudo, o fato que mais surpreendeu foi a declaração prestada pelo administrador da Funai, em São Gabriel da Cachoeira, Pedro Machado, ao ser indagado sobre os prejuízos gerados pelas mineradoras nas reservas. Segundo ele, a realidade é certa: de uma hora para outra, tudo estará devastado, então, porque não antecipar isto, neste momento, em troca de recursos para o desenvolvimento e progresso do índio? Percebendo que a pergunta causou espanto, Alvaro Tukano tentou remediar afirmando que estes têm consciência do problema e não vão deixar ninguém acabar com a terra dos índios e, junto com o progresso, eles vão lutar para que isto não ocorra. "Nós sabemos que as empresas estão de olho nas nossas reservas e não vamos aceitar que tudo seja destruído. Para isto, nós queremos discutir o assunto de igual para igual, nós queremos os mesmos direitos, estamos cansados de ser cobaia do mundo capitalista", concluiu Alvaro Tukano.